



EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E A CULTURA CORPORAL – SENTIDOS ELABORADOS PELOS ESTUDANTES DE LICENCIATURA

Juliana Scarazzatto

RESUMO

Neste trabalho apresento parte de um estudo de caso em andamento, que vem sendo realizado em um curso de Licenciatura em Educação Física (EF), cujo objetivo tem sido compreender como os estudantes se apropriam, prática, discursiva e cognitivamente dos conhecimentos sobre o corpo e sua compreensão acerca da Educação Física Escolar (EFE). Essa aproximação baseia-se nos pressupostos analítico-interpretativos formulados por Bakhtin (2003; 2004) e Vygotsky (2000; 2003; 2008). Com base nesses pressupostos, tenho procurado documentar os sentidos sobre a Cultura Corporal e a EFE que são postos em circulação nas atividades de ensino, os efeitos de sentido que suscitam, como se afetam reciprocamente e como têm sido elaborados ativamente pelos sujeitos que dela participam. Neste texto analiso enunciados escritos pelos estudantes no contexto de um levantamento de conhecimentos prévios sobre a EF. Os indicadores reunidos têm orientado minha atenção para a permanência e a superação dos argumentos e sentidos apresentados por eles, tendo em vista os efeitos da mediação pedagógica centrada na ressignificação das práticas corporais na direção de uma concepção mais abrangente e crítica de área que permita uma reflexão acerca da Cultura Corporal.

Palavras-chave: Educação Física; Cultura Corporal; Mediação Pedagógica

ABSTRACT

In this paper I present part of a case study still in course that has taken place in a Physical Education (PE) college, which objective has been to comprehend how the students appropriate practice, discursive and cognitively from the body knowledge and their understanding about the Scholar Physical Education (SPE). This approach is based on the analytical-interpretative formulated by Bakhtin (2003; 2004) and Vygotsky (2000; 2003; 2008). Based on these purposes I have tried to document the senses about the Corporal Culture and the SPE that are put in circulation in the teaching activities, the sense effects that are brought, how they affect each other reciprocally and how they have been elaborated actively by the subjects that participate in. In this way I analyze enunciates written by the students in order to discover their previous knowledge about PE. The indicators altogether have directed my attention to the remaining and overcoming of the arguments and senses presented by them, considering the effects of pedagogical mediation centered in the resignification of the corporal practices in the direction of a broader and more critical conception of the area, that provides reflections about the Corporal Culture.

Key words: Physical Education; Corporal Culture; Pedagogical Mediation



RESUMEN

En este trabajo presento parte de un estudio de caso en curso, que es realizado en un curso de licenciatura en Educación Física (EF), cuyo objetivo es de comprender como los estudiantes se apropian, práctica, discursiva y cognitivamente de los conocimientos sobre el cuerpo y su comprensión acerca de la Educación Física Escolar (EFE). Este abordaje se apoya en los presupuestos analítico-interpretativos formulados por Bakhtin, (2003; 2004) y por Vygotsky (2000; 2003; 2008). Con base en estos presupuestos, he buscado documentar los sentidos sobre la Cultura Corporal y la EFE que son puestos en circulación en las actividades de enseñanza, los efectos de sentido que suscitan, como se afectan recíprocamente y como han sido elaborados activamente por los sujetos participantes. En este texto analizo enunciados escritos por los estudiantes en el contexto de un levantamiento de conocimientos preliminares sobre la EF. Los indicadores reunidos han direccionado mi atención para la permanencia y la superación de los argumentos y sentidos por ellos presentados, considerando los efectos de la mediación pedagógica centrada en la resignificación de las prácticas corporales hacia una concepción mas ancha y crítica del campo que permita una reflexión acerca de la Cultura Corporal.

Palabras claves: Educación Física; Culura Corporal; Mediación Pedagógica

Introdução

Neste trabalho apresento parte de um estudo de caso em andamento, que vem sendo realizado no curso de Licenciatura em Educação Física (EF) de uma instituição de ensino superior privada, localizada em Jundiaí, interior do Estado de São Paulo. O objetivo tem sido compreender como os estudantes se apropriam, prática, discursiva e cognitivamente dos conhecimentos sobre o corpo, sobre as atividades físicas como práticas da Cultura Corporal e sobre a Educação Física Escolar (EFE) como campo de atuação profissional, postos em circulação nas aulas de Prática de Ensino e como os elaboram.

Entendendo as relações concretas que se produzem na dinâmica da aula entre professor, alunos e materiais de ensino, como lócus de um complexo processo de produção de sentidos, instaurado, materializado, constituído e mediado pela linguagem, tenho examinado o fluxo das enunciações nelas produzidas, procurando apreender indícios de como o processo de ensino, organizado pelo professor, é replicado pelos estudantes. Ou seja, como ele aparece elaborado nas diferentes produções - orais, escritas, corporais - realizadas pelos estudantes em resposta a solicitações e propostas do próprio processo de ensino ou em comentários, solicitações, sugestões e avaliações dirigidos à professora.

Essa aproximação das interlocuções baseia-se nos pressupostos e princípios analítico-interpretativos da teoria da enunciação (Bakhtin, 2003; 2004) e da mediação semiótica formulada por Vygotsky (2000; 2003; 2008). De acordo com esses teóricos, “todo discurso que fale de qualquer objeto não está voltado para a realidade em si, mas para os discursos que a circundam” (Fiorin, 2006, p.19) Nesse sentido, todos os enunciados que compõem a aula - sejam os do professor, os dos textos e atividades propostos ou aqueles proferidos pelos estudantes - são sempre respostas a outros enunciados, produzidos em relações sociais, que não as imediatamente vividas no âmbito da disciplina, tais como os meios de comunicação de massa, as experiências escolares e não escolares desses sujeitos com as práticas corporais de modo geral e os valores que eles atribuem a essas práticas.



Com base nesses pressupostos, tenho procurado documentar os sentidos e valores sobre a Cultura Corporal e a EFE que são postos em circulação nas atividades de ensino propostas, os efeitos de sentido que suscitam, como se afetam reciprocamente e como têm sido elaborados ativamente pelos sujeitos que dela participam, constituindo-os.

Em face dessa abordagem, fez-se necessário um enfoque metodológico que permitisse a apreensão da dinâmica relacional instaurada pela aula em suas condições sociais de produção e dos enunciados produzidos tanto pela professora quanto pelos estudantes. Foram tomados para análise os planos de ensino, o material de leitura e propostas disponibilizados aos estudantes, entendidos como fontes de indicadores das condições de produção das mediações pedagógicas no processo de ensino, todo o material escrito produzido pelos estudantes, inclusive emails enviados à professora, a dinâmica discursiva e produções não-verbais materializadas nas diferentes situações didático-pedagógicas. Para tanto passei a documentar, pela descrição sistemática, as relações de ensino instauradas e os enunciados verbais - orais e escritos - e não verbais, produzidos, nessas relações.

Ao eleger como lócus de investigação as relações de ensino instauradas por mim, os procedimentos pedagógicos, descritos em suas condições de produção, tornaram-se “procedimentos de investigação, momentos de aprendizagem, de interlocução, de levantamento de indicadores, de análise e de reflexão” (Fontana, 2005, p.34) sobre os sentidos da Cultura Corporal e da EFE em elaboração.

Neste texto apresento e analiso enunciados escritos produzidos pelos estudantes no contexto de um levantamento de conhecimentos prévios sobre a EF. Apresento a seguir com que objetivos esse levantamento foi realizado e suas condições de produção.

Educação Física Escolar e Cultura Corporal - um levantamento dos sentidos elaborados pelos estudantes

Esse levantamento, feito ao longo do primeiro mês de aulas da disciplina, interessava na medida em que forneceria indicadores acerca de quem eram os alunos e do que conheciam sobre a área de formação em que estavam inseridos. Tais indicadores mediarão as decisões, pertinentes aos planos de ensino, sobre como ensinar e discutir questões fundamentais da área com os estudantes, bem como documentariam as elaborações iniciais de conhecimentos que seriam acompanhadas e mediadas, em seu desenvolvimento, pela professora, ao longo da disciplina.

Para realizar esse levantamento, elenquei um conjunto de perguntas sobre a escolha do curso e os campos da EF, e fui trabalhando com elas ao longo de um mês. A cada aula, propunha uma pergunta para os alunos e eles me entregavam suas respostas por escrito. Como não tinha uma preocupação quantitativa, mas qualitativa, o levantamento não foi aplicado de forma fechada. Embora a turma fosse a mesma e fosse composta por 35 alunos, as respostas foram mais ou menos numerosas de acordo com o número de alunos presentes a cada aula. Mais do que saber quantos alunos pensavam desta ou daquela maneira, o interesse era me aproximar das compreensões que os alunos elaboravam da EF e entender os motivos de sua escolha pelo curso e suas expectativas em relação a ele.

Os sentidos iniciais elaborados pelos alunos

Em relação aos motivos pelos quais meus alunos decidiram fazer o curso de licenciatura, pude verificar que suas escolhas estavam pautadas na discussão, em âmbito do senso comum, de que EF trabalha com esportes. Ao relatarem essa escolha, os alunos contavam que foram jogadores, que treinaram,



que sempre sonharam em trabalhar com esportes. A relação entre escola-esporte também foi enunciada associando a figura do professor de EF à imagem de técnico e, conseqüentemente, a do aluno como atleta.

O gosto por crianças foi enunciado como um critério para a escolha profissional. Gostar de crianças e ter paciência com elas eram condições apontadas como definidoras da escolha pela licenciatura em EF. É interessante perceber como essa questão permeia a discussão sobre a função do professor, sendo recorrente a sugestão de que a formação específica seria um complemento para garantir um bom aprendizado dos alunos. Afeto, carinho e paciência apareceram enunciados como suficientes para que o sujeito possa ser um bom professor. Em enunciados desse tipo a questão do conhecimento praticamente não aparece.

As lembranças das aulas de EF que tiveram na escola também são enunciadas como fator determinante para a escolha do curso. Em alguns enunciados a proximidade com o professor de EF na educação básica e o fato do professor ser muito querido pelos alunos são relatados como mobilizadores de um modelo de professor que definiu as escolhas.

A EF como uma disciplina que, assim como as outras, tem um saber a ser ensinado, foi enunciada por apenas 5 alunos indiciando que a compreensão da especificidade da área não foi elaborada pelos estudantes ao longo de suas experiências escolares.

Outra questão feita aos alunos foi sobre a diferença entre a EF praticada na escola e a EF praticada fora da escola. Essa pergunta tinha a intenção de delimitar ainda mais o que eles conheciam sobre a futura profissão no momento do seu ingresso. A pergunta foi: “existem diferenças entre a EF na escola e a EF fora da escola? Aponte-as”.

Nesse caso as respostas foram muito diversificadas. Apenas 4 alunos responderam que não havia diferenças entre essas práticas. O sim, denotando as diferenças entre os âmbitos, teve como justificativa muitos motivos. Dentre muitos aspectos, talvez o que mais tenha chamado minha atenção foi que alguns alunos achavam que a EF praticada fora da escola poderia ser mais interessante. Alguns associaram esse “fora da escola” com a rua. Atividades praticadas em seu tempo livre, sem regras, sem orientação. Para eles, o fazer sem ter a obrigação de fazer torna a prática físico-esportiva mais interessante.

“Fora da escola eu posso escolher aquilo que quero fazer, na escola fazemos sempre as coisas que o professor manda, é sempre a mesma coisa.”

Esse enunciado remete a sentidos atribuídos não somente às aulas de EF, mas à escola como um todo. Snyders (2005, p.50) alerta que a escola é encarada pelos estudantes como sendo difícil de suportar quando comparada aos momentos em que eles podem fazer aquilo que desejam, na proporção que desejam e do modo como desejam, “*sem que lhe prescrevam determinado objetivo e determinado método para atingi-lo, sem que tenham que prestar contas, nem serem avaliados, sem que sejam obrigados a uma atividade de resposta.*”

Para compensar essa angústia promovida ao tirarmos o aluno dessa alegria encontrada fora da escola, o autor sugere que a escola deve ser o lugar do encontro do aluno com as obras primas do conhecimento. Para ele não há como os sujeitos se deslocarem do “banho morno” em que se encontram ao chegarem à escola, sem que em alguns momentos ele se depare com dores, conflitos que acontecem para que os sujeitos possam se deslocar de um lugar para o outro, para que rompam com o conhecimento inicial e avancem na compreensão dos conhecimentos elaborados historicamente.

As atividades escolares, na opinião desses sujeitos, percorrem suas vidas de forma que não possibilitam avanços, deslocamentos, rupturas. Por que as aulas de EF são tão repetitivas? Será que o professor não tem o que ensinar? Será que os saberes sobre o corpo são tão limitados? Nessa visão as aulas de EF não proporcionam o que é seu dever primeiro: o conhecimento.



Uma outra resposta que vai ao encontro da anterior afirma que :

“Fora da escola eu aprendo mais a questão das técnicas esportivas, ensinadas de maneira ‘correta’.”

Talvez essa afirmação responda as perguntas levantadas anteriormente. O limite dos conhecimentos a que se destinam as aulas de EF talvez esteja atrelado à questão técnico/esportiva que tem como foco o ensino das técnicas, do gesto correto. Pensar nesse tipo de ensino em que a valorização está apenas no fazer correto, remetendo-se ao modelo do esporte de alto rendimento, acaba por não ensinar grande parte das turmas. Aqueles que não sabem fazer dessa forma sentem-se fracassados e então desistem da prática esportiva. Pensar o esporte como atividade de lazer talvez possibilitasse ao professor, ainda que fazendo uma interface com o esporte de rendimento, repensar o ensino desse tema nas aulas de EF. Quando pensamos nessa perspectiva de esporte apontada por Bracht (2005), possibilitamos ao professor o entendimento do esporte de rendimento como aquele que o sujeito produz e consome como trabalho e o esporte enquanto prática de lazer como uma atividade praticada em seu tempo livre. No meu entendimento, isso pode promover um novo espectro de ensino ao professor de EF na escola, ampliando sua forma de significar o esporte.

Também encontrei nas respostas que a diferença entre a EF na escola e fora dela é a forma de ensinar. Não sei ao certo o que o aluno pensou sobre forma, penso que a forma é uma das questões que se diferenciam nos campos de aplicação desses conhecimentos, embora isso também dependa do que se pretende ao ensinar, mesmo que não seja na escola. Fora dela poderíamos pensar também numa EF que contemplasse os seres humanos a partir de uma perspectiva histórica, que promovesse autonomia, emancipação. No esporte de rendimento, que é o modelo proposto em grande parte dos lugares em que se trabalha com esse tema fora da escola, não há preocupação com a inclusão e permanência dos sujeitos nas práticas. O que vale nesse modelo é o vencer, o competir.

Talvez o professor que trabalha fora da escola e tem, muitas vezes, como preocupação principal o resultado, o produto final decorrente do aprendizado das práticas corporais, seja muitas vezes mais criterioso no acompanhamento do aprendiz. A escola também deveria estar preocupada com os resultados e também deveria ser criteriosa com o aprendizado dos alunos, porém não os resultados que têm como preocupação o desempenho semelhante ao do esporte de rendimento, mas sim o resultado que despertasse no aluno a compreensão acerca dessas práticas mesmo que o seu fazer não fosse tão eficaz.

Outro item curioso observado nas respostas dos alunos foi a questão relacionada à proteção, a segurança do corpo com relação a lesões ocasionadas na prática esportiva.

“Fora da escola não tem acompanhamento, você pode se machucar.”

Esse machucar parece estar relacionado a um discurso que circula no cotidiano das práticas esportivas e diz respeito a lesões que podem ser ocasionadas quando não se tem orientação adequada. Há um “jargão” veiculado pela mídia de que não se pode praticar atividade física sem orientação de um profissional pois, sem ela, pode-se ter um problema cardíaco, muscular, ósseo, entre outros, que pode agravar-se. Não quero dizer com isso que a EF na escola não trata dos aspectos relacionados à saúde, mas não se restringe a ele. Entendo que os conhecimentos acerca do corpo e da EF não podem estar restritos ao campo bio-fisiológico. Creio que esta disciplina deva contemplar outros aspectos. Na escola essa orientação também é necessária, porém esta discussão deve estar associada a outros aspectos que contemplem a formação dos sujeitos de forma histórica e cultural, conforme defendido pelos pressupostos da Cultura Corporal.

A EF baseada nesta perspectiva trabalha pedagogicamente com os jogos, as lutas, as danças, as ginásticas, os esportes, como construções feitas pelos seres humanos ao longo da sua história. O trato



pedagógico dado pelos professores a esses temas define que aspectos são relevantes para sua compreensão. Poderia pensar com meus alunos em que momento da história essas práticas passam a ser relacionadas com a questão da saúde, e então, essa discussão passa a ser fundamental para a ampliação dos conhecimentos sobre elas. De acordo com o Coletivo de Autores (1992), a EF deve ter como objeto de conhecimento a expressão corporal como linguagem. A partir dessa ótica a questão da saúde é apenas um aspecto a ser mobilizado nos alunos e não tem um fim em si mesmo.

As práticas corporais na escola não têm apenas a finalidade de proteger os corpos de lesões. A EF na escola tem como papel, assim como as outras disciplinas, ensinar um arcabouço de conhecimentos que dizem respeito ao corpo e que foram produzidos e reproduzidos ao longo da história da humanidade.

Prosseguindo na análise preliminar das questões, constato que a imagem do professor que figura em grande parte das respostas é daquele professor que não tem muito comprometimento com a educação de seus alunos, que não leva a aula muito a sério. O famoso professor que “rola a bola” aparece com frequência.

Prosseguindo na leitura das respostas de meus alunos acerca da diferença entre a EF fora da escola e a EF na escola encontro a seguinte afirmação:

“A Educação Física na escola eu não pago para aprender, então não preciso ser tão comprometido.”

Fora da escola, nas escolinhas de esporte, danças, ginásticas, lutas ou nas academias paga-se para aprender aquilo que deveria ser ensinado na escola, portanto, ao pagar, o aluno fica atrelado àquelas práticas. É pelo pagamento que ele depende para aprender que ele se vincula ou não aquilo que é proposto pelo professor de EF. Nesse momento não há clareza, por parte do aluno, que ele também paga para aprender na escola. Esse pagamento não é feito diretamente na escola, mas os alunos contribuem com os impostos e tributos que se destinam à educação pública.

Outra questão é sobre o que os alunos ingressantes gostariam que os seus futuros alunos aprendessem. Essa questão remete às anteriores no sentido que o que se aprende, na visão deles, está diretamente relacionado ao que se espera da profissão. Então, quando concluem que a sua profissão visa a ensinar os esportes, isso significa que eles esperam que os alunos aprendam técnicas esportivas, esportes. Dentre as respostas também encontro dados que remetem ao ensino da EF, conteúdos como o respeito pelo colega, respeito pelas diferenças, tornar-se uma pessoa mais digna, trabalho em grupo. Essas questões estão diretamente relacionadas com aprendizado de valores, que também são frequentemente associados ao ensino dos esportes.

Quando são questionados sobre qual o papel da EF na sociedade, grande parte responde que a principal função da área é a melhoria da saúde.

“Ele é muito importante porque todo ser humano necessita praticar alguma atividade física para que tenha uma boa saúde.”

Nenhum deles encara a possibilidade de aprender as práticas corporais como um direito de usufruir, aprender e transformar essas práticas, encarando-as como um bem cultural que precisa ser significado e ressignificado. Poucos apontam a EF como possibilidade de lazer, de usufruir do seu tempo livre de forma crítica, criativa e ativa.

A imagem de que o professor de EF é o sujeito capaz de tornar a vida das pessoas mais alegre também passa pela idéia dos alunos.

“A EF acaba passando para a sociedade pontos positivos como: paciência, respeito no trabalho em grupo e até mesmo o alto-astral.”

“A Educação Física na sociedade tem a função de preparar o corpo cuidar da estética.”



Na visão desses alunos o professor tem o dever de estar sempre de bom humor e transmitir isso para os alunos. Além do bom humor, o corpo alto, magro, com músculos definidos também é o padrão estético exigido para os profissionais que pretendem trabalhar com o corpo. Portanto, nessa visão, a profissão de professor de EF é destinada a uma pequena parcela da população que atende a esses pré-requisitos.

Outra marca bastante comum nas respostas dadas sobre o esporte é que ele deve cumprir o dever social de afastar crianças e jovens das drogas, do mundo da criminalidade, tirá-los das ruas.

“É com a prática de esportes que tiramos crianças das ruas, fazendo com que elas, ao invés de estarem usando droga, roubando, estejam fazendo amizades e praticando atividades que sejam boas para elas e para a comunidade.”

Esse enunciado indica que o esporte, para o aluno, por si só tem esse poder de afastar as crianças e jovens da criminalidade, como se não houvesse problemas que necessitam de políticas públicas mais sérias que afastem as crianças e jovens da miséria, da fome, do preconceito de maneira geral. Nesse sentido o esporte seria apenas uma forma de promover uma vida mais digna com acesso e direito a todas as produções da humanidade.

Os indicadores reunidos a partir dos enunciados dos estudantes têm orientado minha atenção ao longo da pesquisa, para a permanência e a superação dos argumentos e sentidos por eles apresentados, tendo em vista os efeitos da mediação pedagógica do curso de formação centrada na ressignificação das práticas corporais na direção de uma concepção mais abrangente e crítica de área que permita uma reflexão acerca da Cultura Corporal.

Referências Bibliográficas:

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 4ª. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____, *Marxismo e filosofia da linguagem*. 11ª. Ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

BRACHT, V. *Sociologia crítica do esporte: uma introdução*. Ijuí: Unijuí, 2005.

COLETIVO DE AUTORES. *Metodologia do ensino de educação física*. São Paulo: Cortez, 1992.

FIORIN, J. L. F. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática, 2006.

FONTANA, R. A. C. *Mediação pedagógica na sala de aula*. 4ª. Ed. Campinas: Autores Associados, 2005.

SNYDERS, G. *Alunos felizes: reflexão sobre a alegria na escola a partir de textos literários*. 4ª. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente*. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

VIGOTSKI, L. S.. *Manuscrito de 1929*. Educação & Sociedade. Campinas, vol 21, n 71, Jul. 2000. <http://www.scielo.br/pdf/es/v21n71/a02v2171.pdf>. Acesso em: 16 Abril 2011.



VYGOTSKY, L. S. *Pensamento e linguagem*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

Juliana Scarazzatto
Rua Marco Grigol, 200 – Casa 7 – Chácara Belvedere
Campinas – SP
CEP – 13085-360
e-mail: jscarazzatto@hotmail.com